

Deputados acham governo frágil

BRASÍLIA — O esquema de sustentação do governo no Congresso mostrou fragilidade de esta semana, apesar das duas vitórias conseguidas com a manutenção do veto presidencial à lei de salários e a obstrução da votação do projeto de conversão da Medida Provisória nº 199, que trata da reposição das perdas salariais anteriores ao Plano Collor. Esta avaliação foi feita ontem, em Brasília por parlamentares de todas as correntes políticas. Segundo eles, os salários só não foram reindexados graças aos senadores peemedebistas Áureo Mello (AM), Aloísio Bezerra (AC) e Gilberto Miranda, que compareceram à sessão e deixaram voluntariamente de votar, além de Meira Filho (DF) e Leite Chaves (PR), que apoiaram o veto. Os deputados chamam a atenção para um detalhe: todos esses senadores são do PMDB.

A situação continuará crítica pelo menos até a próxima eleição, quando serão renovadas 25 cadeiras do Senado e preenchidas mais seis — três do Amapá e três de Roraima, recentemente transformados em Estados. A partir dai, segundo os cálculos do

vice-líder do governo, senador Ney Maranhão (PRN-PE), o "Planalto poderá respirar mais aliviado". De acordo com suas estimativas, dos 81 senadores que irão compor a Casa pelo menos 45 estarão alinhados com a bancada governista, mesmo que distribuídos nos mais diferentes partidos.

As últimas avaliações feitas por líderes do governo mostravam uma maioria fechada no Senado, o que não se confirmou no teste da noite de quarta-feira, dia da votação do veto. Com as bancadas governistas, quatro senadores sem partido além dos peemedebistas que apoiaram a manutenção do veto, o governo deveria ter pelo menos 42 votos certos no Senado. Apenas 24 votaram a favor do veto.

ALERTA

O vice-líder do governo no Senado, Ney Maranhão (PRN - PE), levou ontem para o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, um exemplar da revista "Nordeste Econômico", que traz um alerta feito pelo próprio senador sobre maus tratos recebidos por parlamentares de secretários e ministros. Maranhão chama os políticos de "bois manhosos, que devem

ser tratados com carinho", caso contrário, segundo diz, o governo corre o risco de perder votações importantes no Congresso.

As longas esperas nas ante-salas dos gabinetes de ministros e secretários foram, na opinião do senador, as responsáveis pela vitória apertada do governo na noite de quarta-feira. "Se você trata um boi manhoso com carinho, ele arrasta uma carroça com uma tonelada de cana", comparou Maranhão. Conhecido no Congresso como "senador boiadeiro". Depois de repetir quatro vezes o terceiro ano do primeiro grau, o pai de Maranhão desistiu de fazê-lo doutor, e o mandou se formar "na escola da vida". Ele virou boiadeiro e até hoje não perdeu a mania de usar sandálias de couro mesmo quando está usando terno.

Irônico, o senador contou que pretende mandar a revista, que circula na região Nordeste, para todos os ministros. "Uns precisam de mais exemplares, outros menos", brincou. Maranhão sugere que os ministros sigam o exemplo do presidente e reservem um dia da semana para receber os parlamentares.